

Aprendizagem com afeto

Marcelo Flório*

Ao cursar o mestrado no Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP, em meados dos anos 90, tive o enorme privilégio de ser aluno de Irmã Leda Pereira Rodrigues, na disciplina “Pesquisa histórica”. A professora, desde o primeiro dia, deixou claro que o objetivo principal das aulas era discutir os projetos de pesquisa dos mestrandos matriculados e, dessa maneira, propiciou que os alunos repensassem e aprofundassem os pressupostos teórico-metodológicos de suas pesquisas.

Na condução das aulas, Irmã Leda demonstrava a grande experiência de uma historiadora, para quem a História é a busca constante das ações humanas que deixam seus rastros, vestígios e pistas em diversos tipos de suportes documentais. Ela deixou presente em todos os integrantes do curso a paixão pelo ofício do historiador, porque entendia que “Fazer História” é dar prioridade à vida humana no contato com o *corpus documental* de uma pesquisa. Discutia, também, a importância de desconstrução do documento e os problemas de ser pensado como reflexo da realidade. Nesse sentido, a concepção de documento da historiadora Irmã Leda aproximava-se da proposta do filósofo/historiador Michel Foucault em ressaltar que a função primordial da disciplina História não é determinar se as fontes primárias dizem a verdade, mas é interpretá-las, ao entendê-las como discurso instituinte.

Foi nessa disciplina que Irmã Leda, magistralmente, debatia e questionava os encaminhamentos teórico-metodológicos das pesquisas e, nesse sentido, sua disciplina tornou-se fundamental no aprendizado de como inquirir os documentos, de modo a perscrutar e dar “voz” os sujeitos sociais.

Em um de nossos encontros, na referida disciplina, ao conversarmos sobre o meu projeto de mestrado – que está inserido no eixo temático de movimentos sociais articulados pela Igreja Católica Brasileira – selou-se entre nós, e imediatamente, uma relação de orientadora-orientando.

* Mestre em História e Doutor em Ciências Sociais e Pós-Doutor em História, todos pela PUC-SP. É professor da Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: <mflorio@uol.com.br>.

Irmã Leda impingiu à sua orientação, desde o início, a percepção de que o aluno-mestrando não é uma página em branco a ser preenchida pelas determinações teóricas de seu orientador. Pelo contrário, a Irmã Leda-orientadora, sempre incentivava que as descobertas nos arquivos de pesquisa se produzissem sem modelos pré-concebidos e encaminhava a discussão de modo respeitoso, embora sem deixar de fazer questionamentos pertinentes.

A escrita historiográfica do mestrado, sobre a trajetória da Juventude Operária Católica nos anos 1940/50 em São Paulo, foi embasada pela discussão de determinadas vertentes da História Cultural; escrita esta, que teve em Irmã Leda, uma orientadora exigente e atenta. Dentre as várias possibilidades de trabalho com a cultura, dialogou-se com a concepção de que cultura não é uma das esferas da realidade social ou o mundo das artes e das ideias cultuadas por extratos da intelectualidade. Seguindo essa linha de raciocínio, o termo cultura é aquele que abarca todos os saberes, gostos e costumes vividos pelos sujeitos sociais. Os estudos da cultura contribuem em fazer emergir os valores produzidos/reproduzidos e criados/recriados pelo ser humano em suas tramas de múltiplas e complexas tessituras no cotidiano.

Minha relação com o *corpus documental* da pesquisa de mestrado ficou atenta, também, às reflexões de Irmã Leda, em ampliar o trabalho com as fontes documentais e, desse modo, a feitura da pesquisa pautou-se pela análise de fontes textuais e pela produção e interpretação da documentação oral.

Irmã Leda foi mais que uma orientadora formal, também se fez presente em meu cotidiano e acompanhou, como uma grande amiga, os medos, certezas, vontades, descobertas e inseguranças que proliferavam na trajetória de um jovem em início de suas atividades em pesquisa e ensino. No dia da defesa de mestrado, por exemplo, Irmã Leda encontrou-me no quarto andar da PUC-SP, próximo ao elevador, e entrou comigo de mãos dadas na sala de defesa, irradiando olhares e gestuais repletos de confiança e afago.

Portanto, Irmã Leda não ficou restrita à objetividade em nossos encontros de orientação da dissertação. Em sua prática de pesquisadora, historiadora e professora, a objetividade na relação com seu orientando construiu-se intrínseca à subjetividade, à medida que aliou rigor, questionamento e precisão com incentivo, carinho e dedicação na condução de minha pesquisa.

E é essa imagem que guardarei para sempre de Irmã Leda: a de que foi um ser humano que conseguiu aliar orientação, pesquisa e ensino com afeto e construiu relações interpessoais imbuídas de práticas anti-egocêntricas, anti-hedonistas e eivadas de solidariedade.